

SEU DINHEIRO

E AGORA, MARCÍLIO?

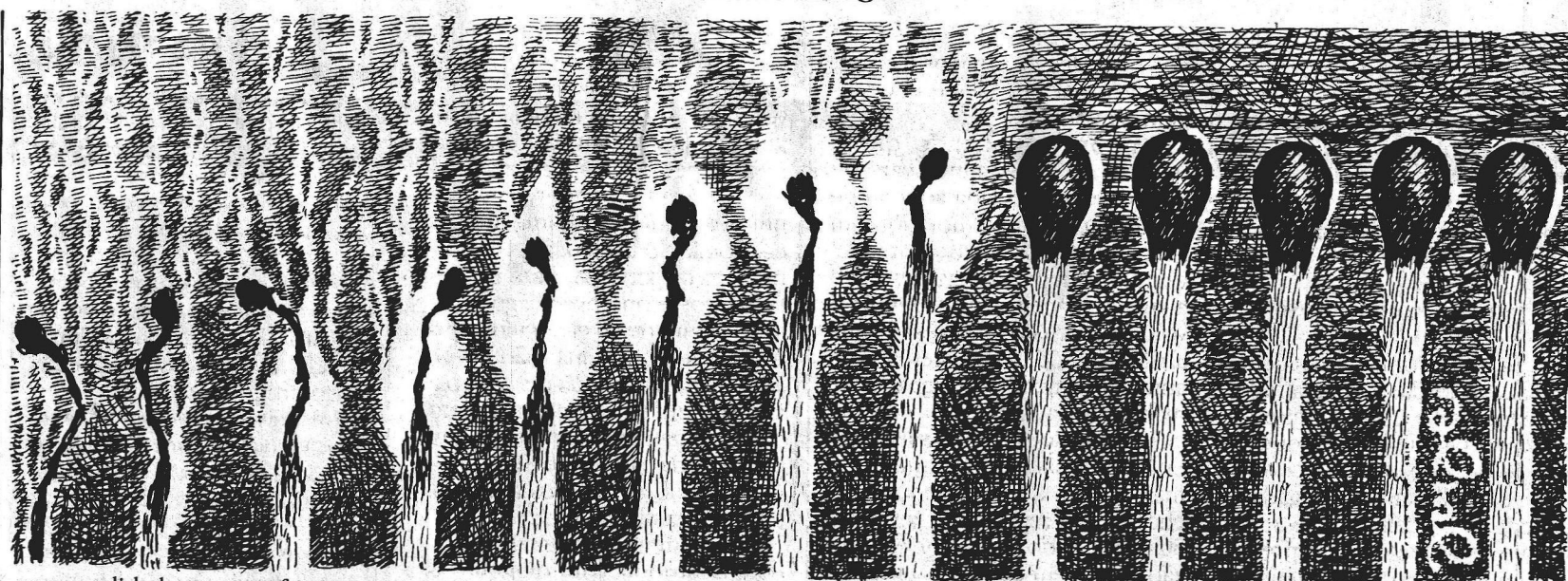
Com Brasil

Celso Ming

O novo ministro da Economia tem alguma razão quando afirma que, na luta contra a inflação, o pior já passou. Mas isso não significa que as dificuldades sejam hoje bem menores do que em março do ano passado. Uma coisa é derrubar a inflação dos 85 ou 100% ao mês para algo em torno dos 10%. E outra, bem outra, é segurá-la nesses níveis ou baixá-la ainda mais. Pode-se dizer que os bombeiros executaram boa parte do serviço e que conseguiram dominar o fogo. Mas ainda há muito material inflamável nos porões da casa e o vento continua soprando oxigênio para cima das brasas.

Quer dizer: o trabalho inicial de saneamento da economia já está feito e foi o mais bem feito desde que o Brasil pegou fogo. E, talvez, mais importante do que isso, há reformas importantes em curso que embicam o País na direção da modernidade, como é o caso do processo de privatização e de encolhimento da máquina administrativa e a liberalização das importações. No entanto, o governo Collor fracassou até aqui na tentativa de liderar um amplo acordo nacional destinado a mobilizar a vontade política da Nação para distribuir a conta da crise e promover a retomada do crescimento econômico.

Habitado a conviver com conflitos e tendo gosto para administrá-los, o embaixador Marcílio Marques Moreira assume o comando da política econômica



com qualidades para enfrentar o desafio da costura de um novo entendimento nacional. Mas tem diante de si um saco de problemas. Dois, no entanto, são os maiores e têm que ser enfrentados imediatamente: a falta de confiança interna e externa na política econômica; e a transição de uma economia de preços congelados para a liberdade de mercado.

A falta de confiança tem que ver com o desrespeito às regras do jogo, com a desmoralização dos contratos pelo governo e o atropelamento dos direitos adquiridos. O resultado disso foi um brutal encolhimento da poupança nacional e, portanto, o desaparecimento da capacidade de investimento de toda a sociedade. Segundo a estimativa de gran-

des bancos norte-americanos, há cerca de 50 bilhões de dólares de brasileiros depositados em bancos no Exterior. Portanto, mais de 15% da poupança bruta do País está fora do alcance do governo e não figura nas contas nacionais.

Ficha suja

E não se trata apenas do dinheiro que fugiu. Há o que deixou de entrar ou na forma de capital de risco ou na forma de empréstimos externos. O governo Collor parece ter chegado à conclusão de que mais importante do que ganhar todos os pontos de uma renegociação da dívida externa é resolver logo esse assunto, normalizar as relações com os credores externos e lim-

par o terreno para a entrada dos recursos em dólares que ficaram bloqueados no Exterior a partir do dia em que o Brasil sujou sua ficha cadastral lá fora.

Por aí, o embaixador Marcílio, com todo o trânsito adquirido por dezenas de anos de contatos com as altas rodas do Exterior, parece mesmo o homem certo. Mas é preciso entender, também, que a confiança perdida não se restabelece apenas com um papel novo enfeitado com assinaturas de gente importante. Os próprios credores nos lembraram, mais de uma vez, que o Brasil já assinou contratos ornamentados mais ricamente do que a versão original do Tratado de Versailles e que, apesar disso, não foi capaz de honrar nenhum deles. E isso aconteceu, não propriamente

por sem-vergonhice mas porque a casa pegou fogo e os brasileiros preferiram o caminho da letra morta.

É por isso que se conclui que é preciso criar condições internas para que os acertos internos e externos possam ser observados. É por isso que o tratamento contra a inflação tem que dar certo.

É preciso peito

Chegamos agora aos problemas de hoje. Certo ou errado, tivemos três meses de congelamento relativo de preços e agora precisamos evoluir para um mercado cada vez mais livre. Qualquer economista sabe que essa transição é um problema delicado cuja solução exige não só cintura política mas, também, muito

peito para enfrentar o jogo contrário. À medida que os preços forem sendo descomprimidos é preciso conter os excessos. E isso se faz no tal corpo-a-corpo.

Jogo de cintura talvez tenha faltado em alguma medida à equipe de Zélia Cardoso no trato desses assuntos. Mas ninguém pode acusá-la de falta de determinação, coisa que às vezes foi vista como arbitrariedade e arrogância - embora arbitrariedade e arrogância tenham, algumas vezes, existido de fato.

Agora, quando se faz a troca de comando da economia num momento especialmente delicado da política de preços, cabe perguntar se a nova equipe tem condições de ultrapassar incômodo para a outra margem. Se, de um lado, é verdade que não falta habilidade ao novo ministro para levar adiante essa tarefa, de outro, é preciso ainda conferir sua capacidade de determinação para peitar os abusos.

E essa cobrança começa a ser feita logo nas primeiras semanas de desempenho.